

Gabriela: revisitando o seu tempo e a sua glória

Gabriela: revisiting your time and your glory

Alzira Tude de Sá*

Universidade Federal da Bahia
Salvador, Bahia, Brasil

Resumo: Este texto pretende fazer uma releitura do romance *Gabriela, cravo e canela*, de Jorge Amado, rememorando o tempo da sua escritura. Sem perder de vista o período da sua publicação, o ano de 1958, a década em que foi escrito e seus valores, tanto políticos quanto estéticos, considera que a transparência histórica que perpassa toda a obra do escritor, favorece o reconhecimento do contexto em que seus escritos foram produzidos. Gabriela é a primeira personagem feminina construída, nesse contexto, uma representação literária que denuncia a afirmação e o anseio do autor de representar e exportar a cultura de sua terra e de seu povo, através do exotismo e da exuberância. Para tanto foi realizada uma extensa pesquisa bibliográfica, representativa das leituras e avaliações do romance considerado como um marco divisor e um dos romances mais emblemáticos do escritor Jorge Amado.

Palavras-Chave: Gabriela, cravo e canela- História. Jorge Amado. Literatura baiana.

Abstract: This text intends to reread the novel *Gabriela, Clove and Cinnamon*, by Jorge Amado, recalling the time of its writing. Without losing sight of the period of its publication, the year 1958, the decade in which it was written and its values, both political and aesthetic, considers that the historical transparency that permeates the entire work of the writer, favors the recognition of the context in which that his writings were produced. Gabriela is the first female character built, in this context, a literary representation that denounces the author's affirmation and desire to represent and export the culture of his land and people, through exoticism and exuberance. For that, an extensive bibliographic research was carried out, representative of the readings and evaluations of the novel considered as a divisive landmark and one of the most emblematic novels of the writer Jorge Amado.

Keywords: Gabriela, clove and cinnamon- History. Jorge Amado. Bahian literature.

INTRODUÇÃO

Para que se possa analisar e entender a diversidade dos posicionamentos oriundos das leituras do romance *Gabriela, cravo e canela*, não se pode perder de vista o período da sua publicação, 1958, a década em que foi escrito e seus valores, tanto políticos quanto estéticos. Para tanto, se faz necessário lançar um olhar retrospectivo sobre a circunstância histórica de sua composição, final dos anos 50, a qual andou paralela ao desapontamento dos comunistas diante das denúncias e acusações de ilegalidades cometidas por Stalin, repercutidas na visível exaustão do domínio e intervenção do Partido Comunista na política cultural do país, fato que contribuiu profundamente para uma espécie de desencanto partidário por parte de Amado. Corresponde também, esse período, a um processo de renovação da crítica literária brasileira,

O tempo da escrita do romance é o tempo do Brasil de Juscelino Kubitschek. Os anos de 1956-1961. Tempo em que, na perspectiva de Carvalho (1992, p. 47), “o país vive um processo de modernização técnica e renovação cultural manifestada pelo surgimento de diversos

* Professora Doutora, Adjunto IV do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia.
E-mail: alziratude@gmail.com

movimentos artísticos que atingiram profundamente a sociedade brasileira”. A construção de Brasília, o incremento da indústria automobilística, a implantação da televisão, a bossa nova, o Teatro de Arena, o Instituto Superior de Estudos Brasileiros – ISEB, inspiram um clima de euforia, favorecendo, segundo o próprio Amado, (1990 apud RAILLARD, 1990, p. 274) a “uma espécie de convivência democrática entre políticos, intelectuais e artistas [...] Uma grande efervescência em todos os setores. Foi nesse clima que escrevi *Gabriela* e de certa maneira, é verdade, o livro corresponde à realidade deste clima.”

Para Alice Raillard, nas narrativas amadianas, o tempo é o tempo da realidade imediata e o tempo do romance corresponde ao tempo da escrita. Dessa homologia com a história, estabelecida ao escrever *Gabriela, cravo e canela*, o próprio escritor declara:

Quando falamos de Gabriela, tenho muito a dizer. Não propriamente sobre Gabriela, mas em torno. [...]. Na realidade, Gabriela foi um livro de 58 e Brasília foi inaugurada em 60 [...]. É um livro otimista e naquele momento havia um certo sentimento de orgulho nacional no Brasil. (AMADO, 1990 apud RAILLARD, 1990, p. 273-274)

Podemos considerar que a transparência histórica que perpassa toda a obra de Jorge Amado só favorece o reconhecimento do contexto em que seus escritos foram produzidos.

Quando Jorge Amado retorna ao cenário literário brasileiro, em 1958, marcado pela publicação do romance *Gabriela, cravo e canela*, é saudado pelo crítico Eduardo Portela (1959) “como um dos acontecimentos mais importantes desses nossos dias literários e *Gabriela, cravo e canela* como sendo a afirmação categórica dos méritos novelísticos do escritor.”

No entanto, esse retorno provoca, ou melhor, reinicia uma polemização no seio da crítica brasileira e uma decepção aos dirigentes do Partido Comunista Brasileiro, polemização instaurada desde a publicação de *País do Carnaval*, em 1931. O picaresco, o riso, o humor, a sensualidade da personagem Gabriela, o estético que percorre toda a obra, distanciados do “cartesianismo” socialista das obras anteriores, surpreendem os críticos inseridos no rígido paradigma cultural do Partido; companheiros de militância, amigos do escritor, críticos que por comungarem do mesmo ideário, aplaudiram a publicação de *Subterrâneos da Liberdade*. E surpreendem, são aplaudidos e recebidos com certa reserva pela crítica esteticista, pelos impressionistas e críticos de rodapé.

Esse é o momento, o “marco zero” da maior polêmica que caracteriza a trajetória amadiana: com *Gabriela, cravo e canela*, Jorge Amado teria abandonado o ideológico em favor do estético?

JORGE AMADO: HOMEM E OBRA - UMA SIMBIOSE PERFEITA

O debate sobre a vida e obra de Jorge Amado vem atravessando 90 longos anos, desde o lançamento de seu primeiro livro, *País do carnaval*, em 1931. Segundo o crítico Eduardo Assis Duarte (1995), poucos escritores desse país têm tido uma avaliação crítica tão apaixonada, polêmica e heterogênea quanto a dele, mas poucos escritores brasileiros foram lidos, por uma gama imensa de leitores nacionais e estrangeiros, como Jorge Amado que teve sua obra traduzida em mais de 49 idiomas, em mais de 50 países com tiragens que ultrapassaram milhões de exemplares.

Considerado uma griffe, uma marca brasileira que ultrapassa, em muito, o domínio da literatura, o seu nome foi transformado num espelho do Brasil, e principalmente da Bahia, terra/musa, por ele considerada como “uma nação romântica, sensual e mágica [...] cenário e tema de praticamente toda a minha obra de ficção, é território e nação onde a realidade cotidiana é

terrível, de miséria, fome e opressão, coexiste com uma realidade mágica, de invenção, de encantos e advinhas”. (PLAY..., 1980, p. 50), declaração prestada a Revista Playboy, no ano de 1980.

Não vamos nos debruçar sobre as correntes da crítica literária que centradas em teorias e métodos, em diferentes tempos e lugares, julgaram a obra do escritor. Vamos nos ater à sintonia que Jorge Amado manteve com seus leitores e com as questões do seu tempo e como esse “contador de histórias,” como ele mesmo se auto-define, construiu com a sua literatura, no imaginário de seus milhões de leitores, personagens emblemáticos, uma imagem de Bahia que o tempo, com a sua vertigem e descontinuidade, não tem conseguido apagar.

Não nos seria possível descortinar em toda a vasta obra do autor as visões literárias da Bahia que alimentaram o imaginário de seus leitores, brasileiros e estrangeiros. Fizemos um recorte. Elegemos *Gabriela, cravo e canela*, um romance emblemático, datado de 1958. Um rito de passagem para muitos. Uma das características mais acentuadas em Jorge Amado é a de que ele soube estabelecer uma profunda sintonia com a história. Suas histórias, para Pellegrini (1999), têm muito a revelar sobre a história do país, sobre as transformações da sua vida social, cultural e literária pois cada fase da obra de Amado, reflete um momento histórico e um certo instante do processo sócio-cultural brasileiro, não só aquele em que se inserem seus romances, como àqueles em que se inserem suas próprias opções pessoais.

Segundo Alice Raillard (1990) no romance de Jorge Amado o tempo é o tempo da realidade imediata e o tempo do romance corresponde ao tempo da escrita. Segundo a autora, só depois de *Pastores da noite* é que o romance toma a função de memória e dessa homologia com a história e estabelecida ao escrever *Gabriela, cravo e canela*, é o próprio autor que nos fala:

Na realidade, Gabriela foi um livro de 58 e Brasília foi inaugurada em 60 [...]. É um livro otimista e naquele momento havia um certo sentimento de orgulho nacional no Brasil. Foi um momento em que devido a uma série de circunstâncias, inclusive o XX Congresso, que rompeu com o sectarismo, se conheceu no Brasil uma espécie de “convivência” democrática entre políticos, intelectuais e artistas, etc. E foi um momento de grande dinamismo cultural. Foi nesse clima que escrevi Gabriela e de certa maneira e verdade o livro corresponde a esse clima. (AMADO, apud RAILLARD, 1990, p. 272).

A Bahia dos anos de 1950, governada por Antonio Balbino (1955-1959) e Juracy Magalhães (1959-1963), também respirava os ares da modernização, movida pelos ecos do discurso modernizador de Kubitschek. A industrialização lhe chega através da Petrobrás, “um marco para a história da Bahia”. Através da Comissão de Planejamento Econômico- CPE, a Bahia se volta para o estudo e planejamento estratégico da sua economia. A Universidade, sob a égide do Reitor Edgar Santos, inseriu-se nesse processo através da implementação de ações renovadoras que favoreceram uma ambientação propícia à geração de artistas e intelectuais. Jorge Amado figura entre esses artistas, a imprimindo fortes características de uma “baianidade” a suas obras, povoando o imaginário de espectadores, leitores, viajantes. Características essas que buscavam a afirmação da sua identidade.

Os reflexos dessa ambientação, desse “espírito de época,” influenciaram no processo de se fazer crítica e literatura no Brasil. Gabriela é a primeira personagem feminina construída por Jorge Amado, nesse contexto, uma representação literária que denuncia a afirmação e o anseio do autor de representar e exportar a cultura de sua terra e de seu povo, através do exotismo e da exuberância. Da sua diferença.

Nos anos 50 e 60 essa identidade vai confluindo para a imagem de uma mulher híbrida, não uma mulher negra, pois se assim o fosse não abrangeria todo o povo baiano. Uma confluência para a imagem de uma mestiça, Gabriela, com cor de cravo e sabor de canela, identidade cuja

reincidência se configura, posteriormente, em Dona Flor, Tereza Batista, Tieta do Agreste.

Jorge Amado sempre foi convocado a falar da sua terra e da sua gente. Como contador de histórias, descrevia sua terra e o seu povo como um universo colorido, voluptuoso, místico onde reina a alegria e o prazer, características que compunham a representação da personagem Gabriela. Entrevistado pela revista *Manchete*, em 1977, e questionado sobre a crença numa fórmula baiana e tropicalista, como a fórmula de Gabriela, e se essa poderia se repetir em outros romances, ele responde: “não sei o que seja fórmula baiana e tropicalista. Nós baianos formamos uma nação romântica e sensual, lúcida e mágica.” A revista *Playboy*, não fugindo da sua especificidade, ao entrevistar Jorge Amado, aborda a questão da decantada sensualidade baiana ao interrogar: “Todo baiano, especialmente a mulher baiana é mesmo sensual?” E Jorge Amado responde: “Nós somos mestiços, resultado de uma mistura de povos de grande vigor de ordem sexual. E somos muito sensuais, na dança, na culinária, etc.”(PLAYBOY ...,1980, p. 64).

Na Semana do Autor, evento acontecido em Madrid, em 1989, o entrevistador o anuncia como um escritor que “no es únicamente una de las más altas cimas de la literatura em lengua portuguesa, sino la representacion misma de la cultura fértil e multicolor del Brasil. La gusta definirse a si mesmo como “bahiano romántico y sensual.” Não podemos negar que a vida e a obra de Jorge Amado se misturam e que as marcas deixadas em cada canto por ele percorrido e em cada leitor de seus livros, vêm moldando uma imagem oficial da Bahia, representação que não se pode dissociar de uma imagem de Brasil.

Vejamos como o imaginário de alguns dos seus leitores foi construído e alimentado pelo romance *Gabriela, cravo e canela*.

3 GABRIELA : NOVA FRUTA DO MATO, A NOVA MULHER DO BRASIL

Gabriela é uma personagem que associada ao que se come, ao que se cheira, ao cravo e à canela, já no título do romance, traz um apelo aos sentidos. O título nos remete aos prazeres do paladar e do olfato como também nos remete a um “tom” característico de um determinado tipo étnico, a mulata, a mulher híbrida da Bahia. Gabriela enquanto personagem, insere-se num projeto consciente do autor de representar, na ficção, um modelo, um tipo ideal de mulher baiana, brasileira, símbolo de identidade nacional, propósito assumido pelo romancista ao referir-se assim à sua personagem: “eu queria criar uma mulher que fosse símbolo da mulher brasileira, uma mulher do povo.” (AMADO, 1995, p 12).

A primeira aparição da personagem no romance é emblemática, mítica. Gabriela à caminho de Ilhéus: “[...] a poeira dos caminhos da caatinga a cobria por completo que era impossível distinguir seus traços.” Sua segunda aparição se dá quando da chegada à cidade: “[...] foi quando surgiu outra mulher vestida de trapos miseráveis, com tamanha sujeira que era impossível ver-lhe as feições e dar-lhe idade, os cabelos desgrenhados, imundos de pó, os pés descalços”. (AMADO, 1995, p. 13).

Envolta em pó, ela irrompe na história e aos olhos do leitor como uma visão bíblica, como se repetisse o surgimento do ser humano inocente, acima do bem e do mal, sem convenções. Mas, à medida que vai se arredando o pó do seu corpo, começam a ser delineadas as características de uma mulher irresistível, cujos atrativos físicos vão sendo retomados com insistência e minúcia, revelados, no romance, pelos olhos lúbricos de Nacib, quando da sua volta do trabalho para casa e se depara com a visão de Gabriela: “[...] ficou parado sem acreditar [...] caído o braço roliço [...] os longos cabelos espalhados nos ombros [...] um rasgão na saia mostrava um pedaço da coxa, cor de canela, os seios subiam e desciam ao ritmo do sono, o rosto sorridente [...]”(AMADO, 1995, p. 15.).

Essa chegada mítica da personagem, e esse desvelamento aos olhos do Outro, Sr. Nacib, serão meu ponto de partida, para trazer à cena as visões imaginárias da Bahia e consequentemente do Brasil, construídas através da representação literária de Jorge Amado, em *Gabriela, cravo e canela*, que tendem a assumir uma forma metafórica de expressão, a lhe atribuírem outros sentidos. Da leitura do romance, dentro e fora do Brasil, elas se reportam ainda a velha imagem da Bahia doce, terna, voluptuosa, chão de liberdade e berço do Brasil.

Em 1958, Alceu de Amoroso Lima escreve um artigo, no *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, intitulado *Gabriela ou o crepúsculo dos coronéis*, considerando Gabriela “uma personagem que de ora avante fará parte da galeria das nossas melhores criações estética, essa nova fruta do mato e flor do agreste, Gabriela, a cabrita dos sertões que é também o povo, na simbologia do autor.” (LIMA, 1958)

Ao eleger dentre as personagens femininas de Jorge Amado aquela que mais lhe tocava o coração, a cronista Maluh Ouro Preto (1958) escreve *As heroínas de Jorge Amado* fazendo uma apologia à personagem: “Gabriela é a mais linda, é uma força da natureza, é puro instinto, entre todas é a mais brasileira, a mais nossa, com sua cor de canela, seu cheiro e seu andar.” Em 1975, na revista *Nova*, o crítico Ricardo Ramos publica a resenha “*Gabriela e as outras mulheres de Jorge Amado*” ressaltando a evidência dada pelo romancista às personagens femininas, principalmente

Gabriela com seu cheiro de cravo e canela que deslumbrou Ilhéus em 1927 e ainda nos deslumbra [...] Gabriela inspiradora das fantasias eróticas dos baianos e todos os brasileiros. [...] e Jorge Amado ao levantar o seu universo mítico, essa Bahia que é ao mesmo tempo referência geográfica, realidade social e invenção mágica, criou dezenas de tipos femininos. (RAMOS, 1975, p. 101).

Considerando *Gabriela, cravo e canela* como uma rapsódia picaresca, o escritor Brito Broca publica o artigo *A Bahia de Jorge Amado* afirmando que em “Gabriela, Jorge Amado criou, indiscutivelmente, um dos tipos mais curiosos e expressivos da moderna ficção brasileira: o da mulata bem perto da terra, cheirando a cravo e canela.” (BRITO BROCA, 1958).

O *Jornal de Letras*, em 1967, publica um artigo da poetisa Stella Carr que, por nos ser impossível transcreve-lo na íntegra, destacamos alguns dos trechos mais enfáticos:

Quem quiser saber de mulata [...] as que descem, as que sobem as ladeiras da “boa terra” as melhores, de terreiro e de cozinha [...] com todas as maldades e doçuras da raça consulte “pai” Jorge Amado ouvidor-mor do Senhor do Bonfim [...] o maior entendido em mulatas [...] como também de procissões, terreiros, hábitos e costumes, cronista e jurisperito de todas as Bahias [...] mas fiquemos com Gabriela, retrato fiel da mulher que tem o estranho dom dometida brasileira [...] da mais absoluta ingenuidade *numa* quase capacidade de mimetismo animal, a manha e a malícia natural [...] de uma felinidade e uma leveza de movimentos [...] absoluta submissão.. contrastes que fervem no caldeirão racial que maneja o mestre do romance brasileiro [...] todas as Bahias que hajam, não vão além do quintal de Jorge Amado”. (CARR, 1967, p.13).

Um olhar vindo de perto, vindo do Ceará, do escritor Oliveira Litrento (1958), enquadra Gabriela dentro de “uma terra nativa assombrosamente lírica e trágica, a Bahia,” e a considera “um prodígio, em vez de uma criatura humana”.

Já o escritor Hildon Rocha vê,

no amor de Nacib e Gabriela, a harmonia de elementos étnicos opostos, onde predomina toda ausência do bem e do mal e nele a espontaneidade e a pureza de emoções do povo se

realiza sem frêmito de passionalismo, [...] símbolos do antipassionalismo, dentro do sensualismo mais autenticamente brasileiro. (ROCHA, 1959. Sem paginação).

E acrescenta:

Através do turco Nacib e da mulata Gabriela, Jorge Amado passa a sentir a vida de um ângulo novo em sua obra [...] aquele que se prende com visível preferência [...] sensorial e sensual que tem a volúpia da fruição dos deleites e das sensações [...] sejam táteis, olfativas, visuais ou gustativas[...]. (ROCHA, 1959, Sem paginação)

Afrânio Coutinho, crítico baiano, faz uma leitura do romance *Gabriela, cravo e canela* e publica no *Correio Paulistano*, em 1959, uma resenha aclamando Jorge Amado como um escritor que ao viver no meio do seu povo, ausculta-lhe

os anseios, ouvindo a sua maneira de falar, captando seus mitos e lendas... se enriquece no seu contato, encharcando-se nas suas vivências, fecundando o espírito na sua alma coletiva, no inconsciente comum [...]. Por toda parte aquele lirismo que nós baianos, da mesma taba compreendemos [...] produto de uma alma doce, lânguida, sonhadora, dengosa em cuja formação se associam o açúcar da cana, o azeite de dendê, a salsugem das praias e a mestiçagem mais profunda de sangue e de cultura. Da Bahia, com certeza. (COUTINHO, 1959, p.5).

Do Rio Grande do Sul, as imagens vêm através do escritor Paulo Hecker Filho que aponta para o fato de que em *Gabriela, cravo e canela*

a esfera de interesse do romancista continua a mesma [...] é a vida dos marginais da sociedade nas províncias da Bahia [...] a gozar, com a sua liberdade e na modéstia de suas almas as tão reais alegrias da cópula, da dança, da mesa, num edonismo primitivo [...] Contra a conspiração de puritanos e interesseiros ele pleteia o corpo nu, o orgasmo, o quitute regional, a canção popular. [Para ele, o romancista] ama a sua provinciana Bahia, ama a mulata que é comum serem tsnadas, as mulheres celestialmente livres de lá. Ama os prazeres do pobre que é o povo Baiano e o Brasileiro. (HECKER FILHO, 1960)

Ao apresentar esse elenco de visões imaginárias da Bahia que se confundem com imagens do Brasil, construídas por leitores do romance dentro do próprio país, percebemos o quão recorrentes e impregnadas elas estão da obra e do espírito de Jorge Amado. Percebemos também que, da diversidade do tempo e do lugar de origem desses olhares resultam tipos determinados de leituras e construção de imagens, em particular, imagens da mulher mulata, imagens da Bahia e do Brasil, imagens de Gabriela.

Ultrapassando nossas fronteiras vamos encontrar, como hóspede do Castelo de *Caras*, o ator britânico Jeromy Irons. Ao ser entrevistado, afirmou já ter estado no Brasil onde conhece “bem a Bahia e o Pantanal.” Ao declarar que viajar é um dos seus grandes prazeres, foi interrogado pelo repórter sobre quais os lugares aos quais gostaria de voltar. Sua resposta explícita sua fantasia: “À Bahia, certamente. Amo o ar romântico de Salvador. Um lugar onde o povo é feliz, em que há cheiros marcantes e onde as mulheres são lindas.” (IRONS, 1998).

Num livro publicado pela Fundação Casa de Jorge Amado, “*Memórias paralelas da Bahia*” a escritora portuguesa Augustina Bessa-Luis descreve as lembranças de sua primeira visita à Bahia:

A Baía é como uma idéia de pessoa [...]. Assim, quando falamos de Baía parece que falamos duma mulher. Jorge Amado contribuiu para que ela tivesse esse estatuto de mulher [...]. Eu penso que nada melhor exprimiu a Baía do que Gabriela, de Jorge Amado. Gabriela é a Baía, Jorge Amado descreve a Baía como uma mulher e esta tem sentido de metáfora adormecida [...]. Em Gabriela há uma metáfora adormecida: a terra baiana que permanece e não muda através da fantasia. Ela nunca se extingue para o amor e a liberdade [...]. (BESSA-LUIS, 1989).

Em 1975, o crítico italiano Giorgio Marotti publicou o *Perfil sociológico da Literatura Brasileira*, um estudo sobre a obra de Jorge Amado. Ao dedicar um capítulo à *Gabriela, cravo e canela*, intitulado *A brasilidade negra*, ele afirma que o que diferencia Gabriela das outras personagens femininas de Amado, é que essas apresentam características pelas quais poderiam pertencer a qualquer país, enquanto Gabriela

é ao contrário o produto de um ambiente, de uma situação histórica de uma mentalidade, de uma moral, de uma filosofia de vida [...] e como tipo de mulher, como ser humano é um estupendo exemplar do Brasil negro, em toda a sua força e em todos os seus limites [nela há um] retorno à brasilidade negra que é também um retorno à Bahia, à cidade de Salvador; o retorno a um mundo de mulheres e homens que agem e pensam como Gabriela. (MARIOTTI, 1975).

Ramon Suarez (1994), escritor chileno compara a Ilhéus de Jorge Amado ao condado de Faulkner, a Macondo de Garcia Marques, um local que “entre lutas pelo cacau e a riqueza, o imigrante Nacib e a marginal Gabriela se encontram em um lugar que é a terra da promessa. Gabriela, a mulher, é a terra brasileira que recebe o viajante que a fecundará. O filho se chamará progresso.” (SUAREZ, 1994, p. 18).

Considerando que Gabriela representa a mulher nova do Brasil, o crítico espanhol Juan Corominas (1985) a vê como “um germe de um mito para os tempos vindouros, de quem nada se sabe de sua vida anterior e como uma princesa emerge da selva [...]. Gabriela é um sonho, uma ilusão [...] talvez uma criança, ou o povo quem sabe?” (COROMINAS, 1985, p. 484).

No prefácio da primeira edição russa de *Gabriela, cravo e canela*, o crítico Yuri Dashkevitch (1960, p. 13), chama a atenção para o fato de que

na história burguesa da literatura do Brasil, os romances de Jorge Amado sobre a região do cacau são, freqüentemente, considerados como “literatura regional” o que não deixa de ser feito com segundas intenções, com o intuito de diminuir a significação nacional, brasileira, de suas obras literárias.

Dashkevitch (1960) considera que Jorge Amado, como romancista, nutre um sentimento indiscutível de responsabilidade pela veracidade histórica da narrativa. Numa homologia com a história, ao escrever *Gabriela, cravo e canela*, Amado situa importantes mudanças políticas e econômicas por que passa o Brasil e, acrescenta o crítico que, foi “exatamente naquele momento, que no sul do país, já iniciava a caminhada para o norte, através de batalhas, a coluna de Luiz Carlos Prestes.” Quanto a Gabriela, ele diz que “tudo indica que o autor nos conta de maneira tão carinhosa a respeito dela, essa simples e encantadora jovem mulata que busca a felicidade com avidéz.” (DASHKEVITCH, 1960, p. 13).

Em uma leitura do crítico francês Jean Roche, Gabriela assim é vista:

A bela mulata, duplo símbolo da miscigenação ,da pureza original, desconhecendo a noção de pecado e fugindo, depois da sujeição do casamento, é a dupla negação da religião e da instituição, a afirmação da espontaneidade (virtuosa e fonte de felicidade para o prazer dos sentidos), a reivindicação da liberdade, contra todos os tabus sociais, ela é efetivamente Jorge Amado.(ROCHE, 1987, sem paginação).

Publicado na revista *Arizona Quarterly*, um artigo escrito pelo crítico americano Jonh Nist, em 1963, logo após a publicação de *Gabriela, cravo e canela*, analisa o romance desde o seu título: “o título do romance aplica-se à heroína e sua performance na cama e na cozinha [...] Gabriela é uma deusa da terra, vinda do interior da Bahia (Estado brasileiro onde 90% da população é negra), tem o corpo de uma Vênus amoral e o cheiro de canela picante.”(NIST, 1963, p. 13). Nist aponta para uma nova geração que assume o poder numa “[...]relativa modernidade que parece tomar conta de Ilhéus, mas o Brasil permanece o mesmo[...] a seca continua, há pobreza e escravidão e um duplo padrão persiste num mundo pansexual do amante tropical.” (NIST, 1963, p. 13).

Nesse percurso que se fez longo, tentamos mostrar, através de uma gama diferenciada de discursos e leituras do romance “*Gabriela, cravo e canela*,” como as imagens da Bahia foram apropriadas, reapropriadas, em tempos e lugares diferentes e como essas contingências, articuladas, foram formando redes e comunidades de sentido. Tentamos também chegar bem perto dos sintomas, do processo de construção e internalização dessas imagens que vêm se sedimentando no imaginário social pela sua reincidência e repetição, não só através da literatura, mas através dos homens, dos seus testemunhos, por viajantes, pelos seus relatos, correspondências, pela iconografia, pelas traduções e adaptações da obra do escritor, especificamente do romance *Gabriela, cravo e canela*.

4 LITERATURA E ESPETÁCULO –A ADESÃO DE AMADO E O CASO “GABRIELA”

A partir dos anos 1960 e 1970 do século XX, na avaliação de Renato Ortiz, a consolidação do mercado de bens culturais se solidifica no país cujas produções, cada vez mais distintas, cobrem uma gama diferenciada de consumidores. Os meios de comunicação de massa, em especial a televisão, consolidam o advento da indústria cultural no Brasil, introduzindo formas novas de apreensão do mundo, nova sensibilidade, ao buscar atender às exigências de uma recepção movida por novos parâmetros diante de novas formas de produção do objeto artístico, no qual a literatura se inclui.

Como reflexo, pode-se detectar, a partir dos anos 1970, que a própria escolha dos leitores passa a ser conduzida pelo mercado. Diante do “labirinto bibliográfico”, da produção em massa e da rapidez com que age o mercado, torna-se difícil uma reflexão sobre a obra, enquanto vão surgindo outros sistemas de orientação: “as colunas, os comentários, as resenhas, as notas, as famosas ‘listas dos dez mais vendidos,’ os suplementos de cultura e cadernos ‘b’ nos jornais.” Sem deixar de mencionar a redefinição do estatuto do literário, do “puro objeto estético” ter sido gradativamente substituído pelo estatuto de mercadoria.

É marcante nessa época o papel que a telenovela desempenha na televisão e a opção desse veículo pela adaptação de romances da literatura brasileira.¹ Sem ignorar o sucesso editorial de autores e obras reconhecidamente aceitas pelo público leitor brasileiro, a televisão investe em adaptações que lhe garantem a venda do “produto” e o retorno financeiro desejado, como a adaptação de *Gabriela, cravo e canela*, em 1975, considerada um grande sucesso de público.

No ano de 1975, o romance *Gabriela, cravo e canela* é adaptado para a televisão, em forma de novela, suscitando, no seio da crítica literária acadêmica, questões relativas à “espetacularização” do autor e da obra nos meios de comunicação de massa e sua exposição no mercado, uma escolha de Amado. Conforme Márcia Rios da Silva (2006), por optar por uma estética marcada por regras da cultura massiva, contrária aos valores literários vigentes, Jorge Amado entra em choque com instâncias legitimadoras do literário que não acatam a “ausência de experimentação da linguagem” na sua produção literária, assim como condenam o seu “alto grau de aderência ao real.” Essas instâncias legitimadoras posicionam-se avessas à relação, harmoniosamente assumida pelo escritor Jorge Amado, da atividade literária com o mercado, segundo parecer de Tânia Pellegrini (1999).

Desde as primeiras produções literárias de Amado, a linguagem de “fácil leitura,” o estímulo à repetição e o formato folhetim foram e ainda têm sido considerados, por um contingente da crítica, elementos desqualificadores de sua obra,² e, para outros segmentos críticos, como responsáveis pela aceitação e formação de um público leitor brasileiro, com a qual se identificava. Tania Pellegrini (1999) chama a atenção para o fato de que, mesmo antes de se configurar no país a relação entre bens culturais e mercado, Jorge Amado

[...] dá forma concreta ao chamado descompasso da cultura brasileira, ao incorporar ao tecido da sua obra, entre outras coisas a dinâmica do mercado e a estética do espetáculo, algo que as fragilidades, aliadas à qualidade “cinematográfica” de todos os seus textos, de certo modo antecipavam.”(PELLEGRINI, 1999, p. 142).

Conforme a autora é justamente a partir dos anos de 1970, com o advento da indústria cultural no Brasil, que há um incremento do intercâmbio entre mercado e mídia, favorecendo tanto a montagem de peças teatrais, como a adaptação para televisão de sucessos literários, o que, segundo a autora, “se não ajudam a despertar a sensibilidade propriamente literária, é eficiente estratégia de estímulo ao consumo do produto cultural, seja livro, peça [etc].”³

¹ Em 1975, a obra *A moreninha* de Joaquim Manuel de Macedo foi adaptada para novela pela TV Globo, sendo a primeira novela a cores exibida no horário das 18 horas.

² Como foi demonstrado nas análises das histórias literárias dos anos de 1970 e por Pellegrini nos dias atuais: “Cada livro que escreve já nasce o mesmo, em forma e conteúdo, pois sabe que tem cativo o “leitor médio” acostumado aos seus “contos e à linguagem televisiva contemporânea a que não por acaso, suas histórias tão bem se adaptam”. Cf. PELLEGRINI, 1999. p. 142.

³ Nesse período foram adaptadas para a TV as obras literárias *A sucessora*, *A escrava Isaura*, *Senhora*, *Gabriela, cravo e canela*, e posteriormente, *Tieta do Agreste*, *Jorge, um brasileiro*, *O primo Basílio*, *Os maias* e outros em forma de novelas e alguns no formato de minisséries. Em 1975, a revista *Amiga* lançou o romance

Silviano Santiago, (2004) quando analisa a relação da literatura com a cultura de massa, considera que na “modernidade periférica brasileira” as formas de cultura de massa estão reduzidas ao fanatismo pelo folhetim de “alto teor sentimental e dramático,” vistos nas rádio novelas dos anos 1940 e nas telenovelas que incidem a partir dos anos 1960. É percebendo esse fenômeno, e não ignorando o alcance do escritor Jorge Amado junto ao público, o seu sucesso editorial, que a TV Globo investe na adaptação para novela do romance *Gabriela, cravo e canela*, em 1975, na certeza de estar lançando no mercado um produto de fácil consumo pelo público telespectador.

No estudo desenvolvido por Renato Ortiz (1991) sobre a modernização da tradição cultural do Brasil, destaca que a situação cultural dos anos 1960 e 1970 é caracterizada pelo volume e pela dimensão das produções do mercado de bens culturais e aponta como marco do advento e da consolidação da indústria cultural no Brasil o desenvolvimento da televisão. Para Ortiz, (1991) “a televisão, por sua simples existência, prestou um grande serviço à economia brasileira: integrou os consumidores potenciais ou não, numa economia de mercado.” Nesse contexto, em rede nacional, pela TV Globo, a novela “Gabriela, cravo e canela” estreia em abril de 1975.⁴

Como uma contribuição aos estudos em voga, da relação entre literatura e cultura de massa, o crítico literário Silviano Santiago (2004) faz uma leitura baseada nos estudos de Walter Benjamin sobre a reproduzibilidade técnica da obra de arte, atribuindo um ganho à “exposição” a que está sujeita a obra de arte na contemporaneidade. No dizer desse crítico,

[...] a perda do valor de culto de uma obra de arte, ao mesmo tempo em que a dessacraliza, torna-a alheia à sua inscrição na tradição, [...] no momento em que passa a ser produzida ou reproduzida tecnicamente perde algo, mas ganha, como consequência os *infinitos lugares* contextos de sua reprodução. E se perde o valor de culto, também se refuncionaliza, passando a ter uma práxis social, leiga que é a intervenção imediata na esfera política. (SANTIAGO, 2004, p. 114-115).

Pode-se considerar, portanto, que a estreia na televisão brasileira da novela *Gabriela* se constituiu em um marco significativo da recepção amadiana, por tal adesão ter ocorrido quando a mídia televisiva se expande em rede nacional, o que não só favoreceu a divulgação da produção literária de Amado, como apontou para uma nova forma de mediação entre o livro e o leitor, agora efetuada por todos os artifícios permitidos pela relação estabelecida entre mídia e mercado. E ademais apontou “para a fragilidade do texto escrito, sobretudo aquele que se inscreve sob a rubrica de literatura erudita em um contexto no qual a cultura midiática torna-se hegemônica, particularmente no Brasil.” (SILVA, 2006, p. 36).

Vale ressaltar que não só da televisão se valeu Jorge Amado como veículo mediador de suas obras. Tantas outras foram adaptadas para o teatro, cinema, revista em quadrinhos, além de serem inspiradoras de músicas do cancioneiro nacional, do qual destacamos a antológica canção *Modinha para Gabriela*, de autoria de Dorival Caymmi, cantada por Gal Costa e que foi abertura da novela encenada em 1975.⁵

Gabriela, cravo e canela em fotonovela; a Editora Brasil América, em revista em quadrinhos e no teatro em 1985 o romance foi adaptado para *ballet* e apresentado no Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

⁴ A telenovela *Gabriela, cravo e canela* foi exibida pela [TV Globo](#), originalmente de 14 de abril a 24 de outubro de 1975, em 132 capítulos e dirigida por Walter Avancini.

⁵ A *Modinha para Gabriela*, é uma composição de Dorival Caymmi, cantada por Gal Costa. Faz parte do álbum *Gabriela*, trilha sonora da telenovela do mesmo nome, gravada pela *Som Livre* em 1975.

POR FIM... NOS DIAS DE HOJE

Percebe-se que foi necessário que se passasse um bom tempo para que, sob a mira de novos olhares, distanciados, amadurecidos e menos passionais, novas luzes fossem lançadas sobre a obra do romancista, sobre o seu romance *Gabriela, cravo e canela*. Como um exemplo da decantação do tempo e de que novas luzes vêm sendo lançadas sobre esse caminho, é visível o grande leque de interesses, demandas e expectativas, de produções férteis que nos faz compreender a literatura de Jorge Amado numa perspectiva cultural bem como a avaliação da sua recepção literária colocada para além de uma mera perspectiva estética, ao espriar-se pelo campo da cultura.

Da responsabilidade pela perpetuação e disseminação de imagens da Bahia, e do seu povo, da sua cultura, não se pode eximir a literatura de Jorge Amado que, ao longo de sua trajetória de romancista, se definia como “um brasileiro romântico e sensual que vive a vida do povo da Bahia, que é uma vida admirável no sentido de gostosa, de agradável.” E foi assim, com esse espírito, que o escritor Jorge Amado construiu, com sua vida e obra, esse lugar, uma “nação”, um “país”, a Bahia, Gabriela. Transcendendo a morte, como um “Quincas”, ainda vive em festas, encontros, em academias e webnários, inesquecível como sua grandiosa, reverenciada e inspiradora obra.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela*. 77 ed. Rio de Janeiro: Record, 1995. (Obras ilustradas de Jorge Amado, 14).
- BESSA-LUIS, Augustina. *Memórias paralelas da Baía*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989.
- BRITO BROCA. A Bahia de Jorge Amado em *Gabriela, cravo e canela*. *Visão*, Rio de Janeiro, n.14, nov. 1958.
- CARR, Stella. Vamos falar de Jorge Amado. *Jornal de Letras*. Rio de Janeiro, n. 207, p.13, jul. 1967.
- CARVALHO, M. do S. *Imagens de um tempo em movimento: cinema e cultura na Bahia dos anos JK (1956-1961)*. Salvador: UFBA/FFCH, 1992. Dissertação de Mestrado.
- COROMINAS, Juan. Incidência feminina em laestructura de *Gabriela, cravo e canela*. *Hispania*, n.68. p. 484-489. set. 1985.
- COUTINHO, A. *Gabriela, cravo e canela*. *Correio Paulistano*. São Paulo, 1959.p.5
- DASSHKEVICLH, Yuri. *Prefácio de Gabriela, cravo e canela*. Moscou: Editora IL,1960.
- DUARTE, E. A. Classe, gênero e etnia: povo e público na ficção de Jorge Amado. *Cadernos de Literatura Brasileira*, Instituto Moreira Sales, n. 3, mar. 1997.
- DUARTE, E. A. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- HECKER FILHO, Paulo. *Gabriela, cravo e canela*. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 4, set., 1960. Publicado também no Estado de São Paulo, 2, jul., 1960. também em *Jorge Amado: 30 anos de Literatura*. São Paulo: Martins, 1961.
- IRON, Jeromy. Sobre a Bahia. *Caras*, Rio de Janeiro, ano 5, n.39, set.1998.

- JORGE Amado; o romancista da realidade brasileira. *Manchete*, Rio de Janeiro, n.1319, p.37, jul. 1977. *Arizona Quartely*, v.19, n.1, spring. 1963.
- JORGE Amado; o romancista da realidade brasileira. *Manchete*, Rio de Janeiro, n.1319, p.37, jul. 1977.
- LIMA, Alceu Amoroso. Gabriela ou o crepúsculo dos coronéis. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 1958. Publicado.
- LIMA, Abdias. Gabriela. *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, 1958. Publicado também em Jorge Amado: 30 anos de literatura. São Paulo: Martins, 1961. p. 26.
- MAROTTI, Giorgio. Jorge Amado; brasilidade negra. In: MAROTTI, Giorgio. *Perfil sociológico da literaturabrasileira*. s.n.t.
- NIST, John. Gabriela, clove and cinamon. *Arizona Quartely*, v.19, n.1, spring. 1963.
- OURO PRETO, M. A moça do ano. *Shopping News*, Rio de Janeiro, dez., 1958.
- ORTIZ, R. *A moderna tradição brasileira*. 3.ed.São Paulo: Brasiliense, 1991.
- PELLEGRINI, T. *A imagem e a letra: aspectos da ficção brasileira contemporânea*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPES, 1999.
- PLAYBOY entrevista Jorge Amado. *Playboy*, São Paulo, ano 64, n.64, p.50.1980.
- PORTELA, Eduardo. Gabriela. *O Estado*, Fortaleza, 4, jan., 1959.
- RAILLARD, A. *Conversando com Jorge Amado*. Rio de Janeiro: Record, 1990.
- RAMOS, Ricardo. Gabriela e as outras mulheres de Jorge Amado. *SB*, Itabuna, 10, ago., 1975.
- ROCHA, H. Gabriela, um novo caminho. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 30 ago. 1959.
- ROCHE, Jean. *Jorge bem/ mal amado*. São Paulo: Cultrix, 1987
- SANTIAGO, S. A crítica literária no jornal. In: *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- SANTIAGO, S. Literatura e cultura de massa. In: *Cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- SILVA, M. R. da. *O rumor das cartas: um estudo da recepção de Jorge Amado*. Salvador: Fundação Gregório de Matos/ EDUFBA, 2006.
- SUAREZ, Ramon. Tres etapas em el desarrollo de la novela brasilenã. *Revista Chilena de Literatura*, Santiago, ano 44, n.1531, p.15-31. 1994.